

Fatores que impactaram o setor florestal em 2010

O setor florestal, assim como grande parte de todos os setores da economia, tem sido submetido a uma seqüência de eventos que tem trazido turbulências e incertezas para os empreendimentos. Apesar deste cenário preocupante para empresários e investidores, 2010 mostrou-se um ano em que, de modo geral, os negócios florestais apresentaram resultados positivos e, principalmente, ofereceu uma recuperação ou superação para a crise que assolou boa parte da economia mundial nos finais de 2008 e início de 2009.

A conjuntura deste mês de dezembro do Centro de Inteligência em Florestas trás uma retrospectiva das questões e aspectos que mais impactaram e influenciaram os rumos e as decisões tomadas pelos principais agentes do setor florestal. Os fatores de maior relevância estiveram relacionados à recuperação econômica mundial, ao crescimento acentuado da economia chinesa, à guerra cambial, ao aumento da concorrência internacional e às pressões ambientais, dentre outros.

Segmento de Celulose e Papel

O segmento de celulose e papel apresentou bom desempenho no ano de 2010, devido, em grande parte, à recuperação econômica dos principais países importadores, que resultou em um crescimento da demanda no mercado internacional, contribuindo para o aumento das exportações e da produção brasileiras e também para a programação de novos investimentos.

As exportações de celulose atingiram cerca de US\$ 3,9 bilhões entre janeiro e outubro de 2010, aumento de 48% em relação ao mesmo período de 2009. Até outubro de 2010, a produção de celulose aumentou 5,9% em relação ao volume fabricado no mesmo período de 2009, passando de 10,9 milhões de toneladas para 11,6 milhões de toneladas (MDIC, 2010; BRACELPA, 2010).

No caso de papéis, de janeiro a outubro de 2010, a produção teve alta de 4,3% em relação ao mesmo período de 2009, passando de 7,8 milhões de toneladas para 8,1 milhões de toneladas. As vendas domésticas chegaram a 4,4 milhões de toneladas, crescimento de 6,2% ante o volume do mesmo período de 2009 (BRACELPA, 2010).

Com relação aos preços da celulose, estes se apresentaram crescentes no Brasil em 2010. De janeiro a outubro de 2010 estes preços cresceram em média 2,64%. O preço do

papel com gramatura igual ou superior a 70 g/m² e do papel A4 ficaram estáveis (CEPEA, 2010).

As expectativas para o futuro do segmento são otimistas, já que os investimentos previstos para os próximos anos são de, aproximadamente, US\$ 20 bilhões na produção florestal e na construção de novas fábricas até 2017 (Bracelpa, 2010), apesar do Brasil viver um momento de discussão sobre o seu bom posicionamento no mercado mundial de celulose e papel, frente a entraves como a tributação nacional e a prática de dumping no comércio internacional.

“O Brasil é o único país que cobra imposto sobre o investimento, com taxas altíssimas, variando de 15 a 17%”, destacou Antonio Maciel Neto, presidente da Suzano Papel e Celulose, durante a 5a Conferência Anual Latino-Americana de Celulose e Papel-RISI.

Segmento de Produtos Florestais Não-Madeireiros

Tal como o segmento de celulose e papel, o de produtos florestais não-madeireiros em 2010 também foi influenciado pela recuperação econômica mundial, ocasionando o aumento das exportações e importações nacionais desses produtos.

No ano de 2010, mais precisamente, de janeiro a outubro, as exportações brasileiras de óleos essenciais de eucalipto, ceras vegetais, castanha-do-pará, tanino e palmito totalizaram US\$ 75,3 milhões, aumento de 15% em relação ao valor observado no mesmo período de 2009 (Ministério do desenvolvimento, Indústria e Comércio - MDIC, 2010).

O país exportou de US\$3,4 milhões de óleos essenciais de eucalipto, US\$57,4 milhões de ceras vegetais, US\$8,0 milhões de castanha-do-pará, US\$686,0 mil de tanino e US\$5,6 milhões de palmito, entre janeiro e outubro de 2010 (MDIC, 2010). Comparando com o mesmo período de 2009, as exportações brasileiras de óleos essenciais de eucalipto, ceras vegetais e tanino aumentaram 32%, 22% e 9%, respectivamente. As exportações de castanha-do-pará e palmito, por outro lado, reduziram 29% e 8,6%, respectivamente (MDIC, 2010).

As importações de borracha natural foram de 217,3 mil toneladas (US\$ 642,1 milhões) de janeiro a outubro de 2010, um crescimento de 76,1% e 213,2%, em termos de quantidade e valor, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2009, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, devido ao crescimento da demanda da indústria consumidora e ao fato de o Brasil não conseguir suprir essa demanda.

O preço médio da borracha natural em São Paulo foi R\$2,60 o quilo, o do palmito in natura, no Espírito Santo, foi R\$0,80 o quilo e o do palmito em conserva, R\$9,90 a lata de

300 gramas, de janeiro a outubro de 2010 (APABOR, 2010; IEA, 2010; CEASA/ES, 2010). Nesse período, o preço da borracha natural em São Paulo e do palmito in natura no Espírito Santo cresceu 5% e 16% ao mês, respectivamente. Por sua vez, o preço do palmito em conserva em São Paulo teve redução de 1% ao mês.

Após a crise financeira mundial, que empurrou os preços do coágulo no campo para valores abaixo do preço mínimo, de R\$ 1,53/kg, fixado pelo governo federal na Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), o ano de 2010 se iniciou com chuvas intensas e frequentes nas principais regiões produtoras do Estado de São Paulo, maior produtor nacional, provocando a redução da oferta da matéria-prima. Adicionalmente, o início da nova safra 2010/11 foi atrasado devido à estiagem prolongada no interior paulista.

As perspectivas para o setor indicam que a demanda por borracha, tanto natural quanto sintética, deve continuar aumentando no Sudeste Asiático, especialmente na China, reduzindo a oferta do elastômero natural no mercado mundial. Isso no médio prazo. "Em 2011, talvez o problema ainda não se tornará evidente", afirma o engenheiro agrônomo Heiko Rossmann, diretor da Associação Paulista de Produtores e Beneficiadores de Borracha (Apabor).

A produção asiática de borracha, em virtude do exposto acima, tende a ser consumida na própria região, devido à proximidade com o mercado chinês e japonês, reduzindo a disponibilidade de matéria-prima para outras regiões do mundo, incluindo o Brasil.

Em 2011, a demanda brasileira pela *commodity* também deve continuar em crescimento, impulsionada pela produção de veículos automotores, principalmente, cujas vendas internas têm aumentado a cada ano. As exportações de veículos vêm sendo prejudicadas pelo real valorizado.

Espera-se também para o próximo ano crescimento da produção e exportação de pneus novos. No período de janeiro a outubro de 2010, as exportações de pneus novos para automóveis de passeio cresceram 16,3% em valor, para US\$ 452,8 milhões, na comparação com o mesmo período do ano passado, enquanto que os embarques de pneus para ônibus e caminhões registraram aumento de 9,7%, para US\$ 357,6 milhões (MDIC, 2010).

A necessidade de capacitação de mão de obra rural deve se tornar ainda mais importante em 2011, com a proximidade de início de produção das áreas plantadas há cerca de cinco anos. Em 2012, estima-se que serão necessários cerca de 1.300 novos sangradores somente para o Estado de São Paulo. Este número deve chegar a 2.500 novos sangradores em 2015.

Segmento de Madeira Processada

Vários foram os fatores que afetaram os negócios do setor de madeira processada em 2010; valendo destacar, dentre eles, o Código Florestal. Embora este ainda não tenha sido aprovado, ele contribuiu para aumentar o clima de incerteza que paira no setor. Além das empresas serem obrigadas a operar na legalidade, esta questão tem reflexos diretos nas decisões destas de investirem em terras e manejarem suas florestas.

Outro aspecto que vem crescendo há alguns anos no setor, mas que este ano teve um impulso maior, foi a busca por uma atividade mais sustentável. Várias empresas conseguiram certificação florestal e ambiental, a redução do desmatamento foi recorde e a comercialização de madeira certificada tem sido intensificada a cada ano. Neste campo, merece destaque a MASISA, que pelo terceiro ano consecutivo ficou entre as principais empresas como modelo de sustentabilidade no Guia da Revista Exame.

Outro destaque para o setor madeireiro é a balança comercial que até outubro acumulou um saldo de US\$1,48 bilhões, apresentando uma variação 127% maior que o saldo da balança comercial para o mesmo período de 2009, tudo isso graças às exportações do segmento (Quadro 1).

Quadro 1 – Balança comercial de madeira e derivados (em US\$1000 FOB) em 2010 e sua variação em relação a 2009.

Mês	Exportação	Importação	Saldo	Exportação*	Importação*	Saldo*
JAN	115.079	7.350	107.729	-4,67	-19,55	-3,66
FEV	141.550	8.239	133.311	-0,72	-6,98	-0,34
MAR	169.801	11.759	158.042	10,73	11,97	10,64
ABR	159.113	10.498	148.615	13,71	11,28	13,88
MAI	173.477	9.638	163.839	22,91	11,13	23,60
JUN	159.807	11.912	147.895	18,01	17,41	18,06
JUL	177.307	12.174	165.133	25,02	18,74	25,48
AGO	169.310	11.841	157.468	22,46	28,20	22,03
SET	157.246	12.725	144.521	10,15	30,24	8,38
OUT	165.189	12.370	152.819	10,35	22,20	9,40
NOV						
DEZ						
Acumulado	1.587.880	108.507	1.479.373	127,95	124,64	127,47

* Variação (%) em relação ao igual período de 2009.

Fonte: MDIC/SECEX, elaborado pela equipe do CIFLORESTAS.

Apesar do bom desempenho do setor em 2010, a desvalorização cambial tem prejudicado as exportações, reduzindo o lucro das empresas. E se não bastasse, muitas empresas já estão se endividando, pois o custo Brasil (elevada carga tributária, burocracia, altos custos de logística e transporte, elevada taxa de juros, entre outros) foi um dos principais fatores que assombrou a indústria este ano.

O ano de 2010 também ficou marcado pela estiagem prolongada que afetou todas as regiões do País, ocorrendo incêndios florestais de grandes proporções, morte de árvores e redução de crescimento das florestas plantadas. Tal fato pode resultar em custos mais elevados de produção de madeira.

Finalmente, merece destaque o crescimento do investimento no setor. No início do ano, a DURATEX anunciou que investimentos de R\$420 milhões em suas fábricas (Divisão Madeira e Divisão Deca). Em março deste ano, a MASISA inaugurou sua segunda fábrica no Rio Grande do Sul. Em maio, a EUCATEX anunciou investimentos de R\$1 bilhão em Tocantins. Em agosto, a DURATEX anunciou investimentos de R\$368 milhões em suas fábricas. E, em novembro, entrou em operação a nova fábrica de T-HDF/MDF da EUCATEX em Salto-SP.

No Quadro 2, observa-se os preços da madeira serrada na Zona da Mata Mineira para o ano de 2010. A madeira mais valorizada é o cumaru, seguida do jatobá. Todos os tipos de madeira apresentaram preços estáveis até maio. A partir daí, estes começaram a sofrer variações. De setembro em diante, todos os produtos já estavam com preços reajustados, estabilizando-se, novamente, até novembro. Observa-se que, de janeiro a novembro, as maiores altas foram para o preço do metro cúbico de cumaru (20,77%) e jatobá (20,14%). O eucalipto sofreu uma alta intermediária (14,29%) e as menores variações foram para pinus e angelim margoso, 12,07% e 11,76%, respectivamente. Portanto, a madeira valorizou-se bem acima do índice geral de preços, previsto para este ano, em torno de 5%.

Quadro 2 – Preços correntes de madeira serrada (em R\$/m³) na Zona da Mata Mineira em 2010

Período	Jatobá	Angelim Margoso	Cumarú	Eucalipto	Pinus
jan/10	1723	1530	1863	700	464
fev/10	1723	1530	1863	700	464
mar/10	1723	1530	1863	700	464
abr/10	1723	1530	1863	700	464
mai/10	1723	1530	1863	700	464
jun/10	1723	1710	1863	700	464
jul/10	1914	1710	1914	800	414
ago/10	1914	1710	2340	800	441
set/10	2070	1710	2250	800	520
out/10	2070	1710	2250	800	520
nov/10	2070	1710	2250	800	520
*Variação %	20,14	11,76	20,77	14,29	12,07

* Variação (%) de janeiro a novembro.

Fonte: CIFLORESTAS

Segmento do Setor Moveleiro

O mercado de móveis, neste mês de dezembro, espera concretizar as expectativas de recuperação de vendas do setor para o ano de 2010, e, particularmente, no período de Natal, apresentar o dobro das vendas dos demais meses do ano.

De modo geral, a indústria de móveis encerra o ano com resultados altamente positivos, comparativamente ao fraco desempenho de 2009. O setor deve confirmar um crescimento de 15%, bem acima do crescimento global da economia previsto em 7%.

Diversos fatores contribuíram para o desempenho favorável do setor, tanto no mês atual, quanto durante o ano. Positivamente, e mais fortemente, impactaram o crescimento do segmento, do lado da demanda, o fortalecimento e a expansão do mercado interno devido à parte significativa da população (cerca de 30 milhões de consumidores) das classes C e D que foi incorporada a esse mercado. Segundo lojistas do segmento de móveis, a melhora da economia e a expansão da oferta de crédito também contribuíram para impulsionar ainda mais o crescimento do mercado no ano.

Ainda sobre a demanda, a recuperação econômica mundial trouxe de volta o consumidor externo, provocando aumento expressivo das exportações, que devem fechar o ano com um crescimento de mais de 10%, principalmente para a Argentina, que se tornou um importante parceiro comercial na compra de móveis brasileiros.

Do lado da oferta, a redução do IPI foi um fator significativo para alavancar o crescimento do consumo de móveis. A medida contribuiu para tirar o setor do sufoco no início do ano perante os impactos da crise financeira mundial, dando estímulo à baixa demanda interna, prevalecente na ocasião.

Um forte esquema promocional e de participação em feiras nacionais e internacionais, bem como um acentuado programa de investimentos em inovações e design, tornaram-se elementos que impactaram positiva e efetivamente o mercado.

Negativamente, sem dúvida, em relação à economia do País, o cenário de um Real mais valorizado tem se refletido em perda de competitividade do segmento, impedindo melhores resultados, principalmente do setor voltado para as exportações.

Segmento do Carvão Vegetal

Em 2010, o mercado de carvão, praticamente, não se beneficiou da recuperação dos danos causados pela crise financeira mundial iniciada no final de 2008 e meados de 2009. Os preços esboçaram reações no final de 2009 e nos cinco primeiros meses de 2010, mas essas foram abortadas logo em seguida, após maio de 2010, e não se recuperaram mais até atual conjuntura.

Diversos fatores teriam contribuído para esse quadro adverso do mercado. Muito provavelmente, um dos fatores mais impactantes teria sido a forte queda do preço do ferro gusa no mercado internacional durante o ano de 2010 e a redução nas suas exportações. Como o carvão constitui um dos principais insumos para a indústria do ferro gusa, a redução na produção deste teria afetado diretamente o preço do carvão. Estranhamente, o ferro gusa também não se beneficiou da recuperação econômica mundial. Este mercado tem estado sob forte concorrência internacional, o que, sem dúvida, tem contido possíveis altas nos preços do produto. O Brasil, por questões de logística, tornou-se menos competitivo frente à Rússia e Ucrânia, que estão mais próximos dos mercados consumidores. A questão cambial também tem agravado seriamente essa competitividade.

Outro fator que merece destaque é a redução do consumo de carvão de florestas nativas que sofre forte restrição quanto ao seu uso na indústria do ferro gusa. Por pressões ambientais e de sustentabilidade do segmento, tem ocorrido um incentivo ao uso do carvão obtido a partir de florestas plantadas, produzindo-se o chamado "ferro verde", ambientalmente correto, e deixando-se, desde modo, intactas as matas nativas. O carvão ambientalmente correto, produzido em maior escala, estaria aumentando a oferta de carvão no mercado, reduzindo, conseqüentemente, o seu preço.

Na praça de Belo Horizonte, o preço do carvão vegetal esteve cotado, em outubro de 2010, em 100 reais por mdc, 8,7% acima do preço do mês de setembro. Em Divinópolis, o aumento foi relativamente maior, ou seja, de 12,5%, passando o preço de 80 reais para 90 reais por mdc.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Naisy Silva Soares – Economista, MS. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, MS. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, DS. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

* Permitida a reprodução desde que citada a fonte (<http://www.ciflorestas.com.br/>).